

PERCURSOS DIALETOLÓGICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS DA PROFESSORA E PESQUISADORA DINAH CALLOU

Josane Moreira de Oliveira (UEFS/UFBA)

Clézio Roberto Gonçalves (UFOP/CNPq)

INTRODUÇÃO

Dinah Maria Isensee Callou é graduada em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Federal da Bahia (1959), mestre em Língua Portuguesa pela Universidade de Brasília (1964) e doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1980), com pós-doutorado em Linguística pela Universidade da Califórnia/Santa Bárbara (1994-1995). É pesquisadora do CNPq (bolsa de produtividade em pesquisa) e professora titular (1992) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua desde 1966. Exerceu atividades na Universidade Federal da Bahia (UFBA, 1960-1962) e na Universidade de Brasília (UnB, 1963-1965). Tem experiência na área de Fonética/Fonologia e Sintaxe, com ênfase em Sociolinguística e Linguística Histórica, com produção nos seguintes temas: Variação e mudança, Português do Brasil, Fala culta carioca, Sócio-história da língua portuguesa. Aposentada em 2008, continua atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, tendo recebido o título de Professor Emérito da UFRJ em 2 de setembro de 2010.

O convite feito à professora e pesquisadora Dinah Callou para dividir conosco suas experiências e seus ensinamentos na área de Dialetoлогия e Sociolinguística se deve, primeiramente, à relevante contribuição na formação de inúmeros professores e pesquisadores no decorrer de seus anos nas salas de aula e nos laboratórios de pesquisa dos Cursos de Letras da UFRJ (graduação e pós-graduação). Todo esse comprometimento e esse profissionalismo se concretizam nos seguintes números: 28 (vinte e oito) dissertações de mestrado orientadas, 27 (vinte e sete) teses de doutorado orientadas, três

supervisões de pós-doutorado e, embora sem registro no Lattes, cerca de uma centena de orientações de iniciação científica. O convite, além de ser uma proposta de registro da memória dos caminhos trilhados pela professora e pesquisadora, é também uma homenagem e um reconhecimento de todo esse caminho percorrido, afinal, como já bem disseram Serra e Duarte (2018),

Homenagear uma pessoa é dizer o quanto somos gratos pelo que ela é, pelo que ela faz, ou por tudo isso. Homenageamos Dinah porque, para todos nós, ela sempre teve uma importância particular e todos tivemos a oportunidade de revelar isso da melhor forma: com estudos que retratam as diversas faces do português. (SERRA; DUARTE, 2018, p. 11)

Dinah Callou sempre teve uma produção expressiva e arrojada, contribuindo para a divulgação e a expansão dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos, como se pode confirmar em seus 12 (doze) livros publicados, a saber: *História social do português brasileiro* (com Tânia Lobo, 2020, Editora Contexto); *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa* [1866-1899] (com Afrânio Barbosa, 2011, Editora Fundação Casa de Rui Barbosa); *Como falam os brasileiros?* (com Yonne Leite, 2002, Editora Jorge Zahar); *Para a história do português brasileiro: notícias de corpora e outros estudos* (com Maria Eugênia Lammoglia Duarte, 2002, Editora In-Fólio); *Iniciação à fonética e à fonologia* (com Yonne Leite, 2000, Editora Jorge Zahar); *A variação no português do Brasil: o uso do artigo definido diante de antropônimos* (2000, Serviço de Publicações Faculdade de Letras/UFRJ); *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo – diálogos entre dois informantes* (com Célia Lopes, 1994, Faculdade de Letras/UFRJ); *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo – diálogos entre informante e documentador* (com Célia Lopes, 1993, Faculdade de Letras/UFRJ); *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: elocuições formais* (1991, FUJB/UFRJ); *Variação e distribuição da vibrante na fala culta do Rio de Janeiro* (1987, UFRJ/PROED); *O falar de Mato Grosso: aspectos da morfossintaxe e do léxico* (1964, UnB); *Atlas prévio dos falares baianos* (com Nelson Rossi e Carlota Ferreira, 1963, MEC/INL); além dos 65 (sessenta e cinco) artigos publicados em periódicos, cujos temas se vinculam aos estudos da língua portuguesa falada no Brasil, dos 73 (setenta e três) capítulos de livros publicados e dos 73 (setenta e dois) artigos publicados em anais, registrando sua produção bibliográfica com outros cientistas da linguagem.

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: PROFESSORA DINAH, A SENHORA SE DEFINE COMO DIALETÓLOGA OU COMO SOCIOLINGUISTA? POR QUÊ?

Dinah Callou: Rótulos são sempre complicados! Sou uma fusão das duas áreas, *lato sensu*, uma ‘geo-sociolinguista’, já que o foco da minha pesquisa esteve sempre voltado

para a variação linguística, ainda que por caminhos diversos. Na verdade, os campos da Dialetoлогия e da Sociolinguística se entrelaçam e correspondem a duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas sim se complementam. Meu início foi na pesquisa dialetológica, ainda como estudante de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e culminou com a colaboração no primeiro atlas linguístico brasileiro, o *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB). Já na Universidade de Brasília (UnB), ainda participei do projeto de um atlas de Goiás, que, infelizmente, não chegou a seu término por injunções políticas. E minha dissertação de Mestrado (ISENSEE, 1964) foi uma monografia dialetal de um dos pontos de inquérito do APFB (ROSSI; ISENSEE; FERREIRA, 1963). Só na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) iniciei a pesquisa sociolinguística propriamente dita, que teve início com a preparação de minha tese de Doutorado sobre os róticos (CALLOU, 1980).

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: PODERIA DEFINIR RAPIDAMENTE A ÁREA DA SOCIOLINGUÍSTICA?

Dinah Callou: Como o próprio nome já diz, a área de Sociolinguística tem como meta o estudo da inter-relação entre o linguístico e o social, embora, como afirma o próprio Labov (1972), representante máximo da área, o termo seja redundante, uma vez que não há atividade linguística que não seja social.

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: E QUAL A RELAÇÃO ENTRE A SOCIOLINGUÍSTICA E A DIALETOLOGIA?

Dinah Callou: Essa relação se estabelece no interesse comum pelo estudo sobre a diversidade linguística, que tem início no âmbito da Dialetoлогия e atinge seu ápice com a Sociolinguística, mais especificamente com a chamada sociolinguística variacionista laboviana e os sofisticados métodos e programas computacionais de análise estatística.

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: E O QUE SIGNIFICA EXATAMENTE GEOLINGUÍSTICA?

Dinah Callou: Se o termo Sociolinguística tem por objetivo a inter-relação entre o social e o linguístico, a Geografia linguística, hoje Geolinguística, é um método que permite visualizar fatos linguísticos em um determinado espaço geográfico, em geral através de mapas. Em suma, o foco está no estudo da variação espacial.

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: COMO A SENHORA AVALIA OS CAMINHOS TRILHADOS PELA SOCIOLINGUÍSTICA E PELA DIALETOLOGIA NO BRASIL?

Dinah Callou: Para fazer justiça, foi a Dialetoлогия que abriu o caminho, pois foi a primeira que chamou a atenção para a variação linguística, ainda que, algumas vezes, de forma assistemática e generalista. De todo modo, a Geografia Linguística possibilita, de preferência, traçar um quadro da diferenciação vocabular e fonética, preferencialmente, através de cartas que registram a variação interna dos diversos falares e dialetos, como atestam os atlas linguísticos regionais, iniciados no Brasil, na década de 1960, entre eles o *Atlas prévio dos falares baianos* (ROSSI: ISENSEE; FERREIRA, 1963), o *Atlas lingüístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987), o *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977), o *Atlas lingüístico da Paraíba* (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), o *Atlas lingüístico do Paraná* (AGUILERA, 1994), o *Atlas lingüístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2002), para chegar, finalmente, ao *Atlas lingüístico do Brasil* (CARDOSO et al., 2014). A elaboração deste atlas vinha sendo cogitada (CUNHA; SILVA NETO, 1960) há mais de cinquenta anos, tarefa dificultada, contudo, pela extensão territorial do país, pela assimetria da densidade demográfica e pela falta de recursos humanos e financeiros. Outro ponto a ser ressaltado diz respeito ao fato de a diversidade linguística ter sido, durante muito tempo, enfocada apenas com base nas variedades populares, para depois atingir as variedades ‘padrão’, a chamada ‘norma culta’, ao reconhecerem os linguistas que essa diversidade não é privativa dos níveis populares, mas de todos os níveis em que exista diferenciação. Um atlas calcado apenas no falar de iletrados não poderia, por si só, dar conta de todas as dimensões em que existe variação. As normas cultas regionais deveriam ser focalizadas como fatos dialetais e as modalidades populares deveriam ser estudadas precisamente à luz dessas normas locais. A necessidade de uma nova metodologia para os países do novo mundo é apontada no texto do linguista José Pedro Rona (1965). Podemos dizer que a aproximação entre Dialetoлогия e Sociolinguística seguiu um caminho natural e se tornou mais efetiva quando os atlas linguísticos passaram a ser pluridimensionais. Além disso, a publicação do livro clássico de Labov (1966) sobre a linguagem de Nova York e o texto de Weinreich, Labov e Herzog (1968) sobre a teoria da variação e da mudança abriram novas perspectivas de análise. Labov era visto como dialetólogo, tendo recebido críticas por parte de formalistas que faziam restrição ao uso de dados não-intuitivos na descrição de uma língua, valendo lembrar que em 1965 fora publicado o *Aspects...*, de Noam Chomsky.

A formulação da Sociolinguística pressupõe que a variação é inerente ao sistema (“*formas alternantes com o mesmo valor de verdade*”) e que a noção de heterogeneidade não é incompatível com a noção de sistema (diassistema), questão já levantada por Weinreich (1954), ao rebater, de certa forma, críticas do estruturalismo à Dialetoлогия. A questão já estava presente, portanto, lá atrás.

A Sociolinguística despontou, no contexto dos estudos linguísticos brasileiros, como uma área desafiadora, dada a necessidade de compreender a realidade linguística de um

país em que diferentes dimensões sociais se conjugam para a configuração de um quadro sociolinguístico complexo.

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: SABEMOS QUE O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB), JUNTO AO QUAL A SENHORA DESENVOLVE PESQUISA, TEM UM CARÁTER GEOSOCIOLINGUÍSTICO. PODE NOS FALAR UM POUCO SOBRE ESSA MARCA DE IDENTIDADE DO PROJETO ALiB?

Dinah Callou: Como dito anteriormente, ao se tornarem pluridimensionais, os atlas linguísticos passam a levar em conta, sistematicamente, além da variável espacial, variáveis sociais, ao entrevistar homens e mulheres, com maior ou menor nível de escolaridade e de faixas etárias distintas. Sempre é bom lembrar aos mais jovens que, nesse aspecto, o famoso atlas ítalo-suíço (*Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*), de Jaberg e Jud (1928-1940), foi pioneiro ao trabalhar com algumas dessas variáveis nas capitais. Voltando ao ALiB, outro ponto inovador reside na possibilidade de a visualização dos resultados também estar disponível através dos percentuais de ocorrência de um determinado fenômeno.

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: PARA A SENHORA, QUAIS AS FASES DE UMA PESQUISA LINGUÍSTICA EMPÍRICA?

Dinah Callou: De uma maneira geral, os procedimentos e etapas para a realização da pesquisa linguística empírica continuam basicamente os mesmos: (i) definir o objeto de análise e conhecer a bibliografia sobre o tema; (ii) estabelecer um roteiro de estudo, eventualmente um questionário, com base em hipóteses prévias; (iii) definir a época e/ou o(s) local(ais) da pesquisa (a rede de pontos); (iv) preparar a equipe que irá desenvolver o projeto (fazer entrevistas, aplicar o questionário, se for o caso); (v) levantar, reunir e transcrever o material coletado; (vi) apresentar os resultados obtidos, sob diversas formas (textos, gráficos, tabelas, mapas – uma carta linguística, por exemplo). No passado, não havia as sofisticadas inovações que hoje estão ao nosso alcance – e posso falar da minha própria experiência. No início da entrevista, relembrei minhas atividades de pesquisa no campo da Dialetoлогия, no final da década de 1950, com Nelson Rossi, na UFBA. Continuei na UnB e, a partir do final da década de 1960, enveredei pela Sociolinguística, já na UFRJ. Nossa preparação para as atividades no campo da Dialetoлогия e a preparação de um primeiro atlas linguístico, o APFB, se deu por etapas.

A primeira teve início, ainda como estudante do último ano do curso de Letras, com a preparação de um trabalho a ser apresentado no IV Colóquio Internacional Luso-Brasileiro, ocorrido em Salvador-BA: “Aspectos do léxico regional da Bahia” (ROSSI et al., 1959). O trabalho, de natureza lexical, o mais comum à época, partiu da análise de dados já levantados e selecionados em inquéritos-teste.

A segunda consistiu do treinamento necessário à formação como inquiridor com a realização de inquéritos dialetais em três localidades próximas a Salvador, trabalho de conclusão do curso e ponto de partida para definir a seleção de perguntas do Extrato de Questionário a ser utilizado no APFB.

A terceira correspondeu à escolha das localidades, partindo de estudo criterioso da proposta de Antenor Nascentes para a Bahia, em *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958), seguida da leitura de obras de historiadores, viajantes e geógrafos, para a definição dos pontos a inquirir. E, num aspecto, nossa preparação nunca foi igualada: o referente à transcrição fonética de dados, obrigatoriamente direta, àquela altura, pois não contávamos ainda com os gravadores necessários para fazer os registros magnetofônicos dos inquéritos *in loco*. Foi fundamental, assim, um treinamento intensivo de transcrição fonética (primeiro de uma língua desconhecida para nós, aprendizes (iorubá e russo, no caso), elocuições do português europeu e, por último, da variedade brasileira, a fim de que estivéssemos aptos a transcrever diretamente os dados.

O levantamento de *corpora* para o conhecimento da realidade linguística brasileira foi se ampliando, pouco a pouco, com o surgimento, a partir do final da década de 1970, de projetos coletivos de pesquisa sociolinguística, como o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC), o Projeto de Estudo dos Usos da Língua (PEUL), o Projeto Gramática do Português Falado, o Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL), o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o Projeto Concordância, o Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB) e muitos outros, que, no decorrer dos anos, contribuíram decisivamente para a expansão da área nos cenários nacional e internacional.

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: A SENHORA PODERIA FALAR UM POUCO DA IMPORTÂNCIA E, TAMBÉM, DA DIFICULDADE DE SE TRABALHAR EM GRUPO NAS ATIVIDADES ACADÊMICAS, SOBRETUDO DE PESQUISA?

Dinah Callou: O trabalho em equipe é fundamental, não resta dúvida! Tive o privilégio de pertencer a um grupo que sempre trabalhou em equipe, sob a coordenação do Professor Nelson Rossi, introdutor da pesquisa linguística de campo no país e que revolucionou o trabalho acadêmico na UFBA ao aí chegar em 1955. Comprovamos desde cedo que, pelo menos nessa área de estudo, o trabalho em equipe é muito importante e “só se aprende a fazer fazendo”. E com o maior rigor! Pelas minhas atividades acadêmicas e de pesquisa, é fácil deduzir que segui esse caminho, tenho essa característica e, a partir daí, tenho procurado colaborar para a formação de profissionais qualificados. Discutir uma questão em conjunto, admitir posições diferentes e conciliar perspectivas teóricas diversas é um aprendizado constante, mas, ao mesmo tempo, um caminho árduo! Até algum tempo, o que tradicionalmente havia era o trabalho individual, soli[t]ário, e não

o trabalho de equipe, soli[d]ário, difícil, mas gratificante – este, no meu modo de ver e na minha experiência, o único que pode contribuir de forma mais efetiva para traçar o panorama da língua portuguesa no Brasil. Muitas cabeças pensam melhor que uma e ninguém é detentor de um saber total. Sou de uma geração em que era mais importante ter uma visão global do nosso objeto de estudo do que dominar uma especialidade, de uma geração que atuava, ao mesmo tempo, em pesquisas dialetológicas e na história da língua e edição de textos. A Sociolinguística histórica, tão valorizada atualmente, só comprova a importância de tal formação. Desde sempre aprendemos a lição de que *quanto mais se sabe, mais há o que aprender* e é o fazer e refazer que nos mantém vivos, ativos, lúcidos.

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: PARA A SENHORA QUE CONTRIBUIÇÕES A SOCIOLINGUÍSTICA E A DIALETOLOGIA PODEM DAR AO ENSINO?

Dinah Callou: Pesquisa e ensino são indissociáveis, se o professor não pretende ser um mero repetidor! Nesse sentido, além de contribuir para a descrição e explicação de fenômenos linguísticos, a Sociolinguística, assim como a Dialetologia, fornece subsídios para a área do ensino, sem negar a importância do conhecimento das teorias linguísticas que irão capturar padrões/regularidades e oferecer potencial explicativo para os fatos da língua. Com pesquisas baseadas na produção real dos indivíduos, a área da educação se enriquece e, com a utilização dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas de letramento, surgem práticas mais efetivas de trabalho sobre a heterogeneidade linguística. As palavras do Professor Celso Cunha, em discurso pronunciado em 1952 sobre o ensino do português (In: PEREIRA, 2004, p. 415) – “Não proponho a anarquia lingüística, sugiro apenas que se ensine a língua como é e não como alguns supõem que seja” –, nos remetem ao texto do Professor José Pedro Rona (1965), em que afirmava ser inevitável que, para introduzir o ensino, em qualquer nível, de uma variante culta regional, era necessário que se tivesse, de antemão, sua descrição. Como chamei a atenção acima (questão 5), durante muito tempo, a diversidade linguística no Brasil vinha sendo estudada tomando por base os níveis populares, mas não podia limitar-se a esses níveis e sim abarcar todos os níveis em que existisse diferenciação. Em outras palavras, como já assinalara José Pedro Rona (1958, p. 8), “devem ser estudadas também as normas cultas regionais como fatos dialetais, e as modalidades populares devem ser estudadas precisamente à luz dessas normas locais”. É assim que se pode estabelecer uma relação entre o ensino – tarefa normativa – e a investigação dialetológica – tarefa descritiva, em seu sentido lato – a fim de oferecer um quadro concreto da variação linguística e tornar viável um ensino mais efetivo. Mais que tudo, deve-se usar o bom senso!

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: COMO REFERÊNCIA QUE É, QUE CONSELHOS TEM A DAR AOS QUE QUEREM SE INICIAR NESSAS ÁREAS DE ESTUDO E PESQUISA: SOCIOLINGÜÍSTICA E DIALETOLOGIA?

Dinah Callou: Faria apenas algumas sugestões, melhor que “dar conselhos”. Antes de mais nada, a experiência mostra que é necessário (i) conhecer a fundo, na medida do possível, o tema ou a área em que se irá desenvolver um trabalho, sobretudo o que já foi feito por outros autores, ao longo do tempo, a fim de não cometer o erro primário de atribuir a um autor com quem tem mais contato a hipótese ou solução de uma questão já muito debatida, ou, até mesmo, achar que está “inventando a roda”; (ii) refletir sobre a dicotomia ‘descrição *versus* teoria’. Se, para alguns, a teoria importa mais que o fato linguístico em si; por outro, como em qualquer outra ciência, não se pode prescindir de uma boa descrição! Embora apresentar descrições fosse uma crítica usual de referência aos trabalhos dialetológicos (“descrição não é ciência”), é a partir delas que podemos chegar a generalizações, interpretações, levantar hipóteses e ver como tudo se encaixa dentro de determinada perspectiva teórico-metodológica.

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: QUAL A CONTRIBUIÇÃO, HISTORICAMENTE FALANDO, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO PARA OS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS NO BRASIL?

Dinah Callou: Não se pode negar o papel da UFRJ para o amadurecimento dos estudos sociolinguísticos, principalmente no âmbito do Projeto NURC, desenvolvido paralelamente na UFBA, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), assim como o papel da UFBA para os estudos dialetológicos em geral. O desenvolvimento do Projeto NURC, que teve início no final da década de 1960 e início da de 1970, surgiu a partir da nova orientação dos estudos dialetológicos para os países do chamado Novo Mundo e da concepção de uma Dialetologia urbana e/ou Sociolinguística, sob a inspiração do Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica, em virtude de serem evidentes e relevantes os pontos comuns à problemática do espanhol nas Américas e do português no Brasil. Por outro lado, o Projeto PEUL, iniciado na UFRJ, sob a coordenação do Professor Anthony Naro – introdutor, divulgador e orientador da Sociolinguística variacionista entre nós – teve um papel fundamental para o desenvolvimento de trabalhos de cunho variacionista, com utilização de programas computacionais de análise linguística, difundidos pelo país afora. E não se pode esquecer o papel das associações científicas, como a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e a Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), com a criação dos grupos de trabalho e

pesquisa (GTs), fundamentais para que a Sociolinguística se fizesse presente nos cenários nacional e internacional.

JOSANE OLIVEIRA/CLÉZIO GONÇALVES: QUE PALAVRA FINAL DESTACARIA PARA AS NOVAS GERAÇÕES DE PESQUISA EM SOCIOLINGÜÍSTICA E DIALETOLOGIA?

Dinah Callou: Sigam em frente! E alertas! Costumo lembrar sempre às novas gerações que devem respeitar a diversidade linguística, como qualquer outra, e que a variação existente hoje no português do Brasil é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato de diversos grupos étnicos e sociais. Mais que tudo, não desconheçam e/ou neguem a contribuição dos que nos precederam. A busca do conhecimento não deve nem pode parar e cada avanço da ciência abre novos horizontes: “Não há assuntos esgotados, há homens esgotados diante de assuntos” (RAMÓN Y CAJAL, 1979 [1920], p. 14). Recentemente, em ‘Conversas Da Hora/2021’¹, o Professor Dermeval da Hora perguntou ao linguista Luiz Carlos Schwindt, ora entrevistado, se ele concordava com a afirmação de Nascentes (1953 [1922]) sobre a separação de duas grandes áreas linguísticas no Brasil a partir da realização das vogais pretônicas: abertas no Norte e fechadas no Sul. Schwindt teceu breves comentários, mas destaquei a pergunta, não pela resposta em si do entrevistado, contra ou a favor, com ressalvas, mas sim pelo fato, digno de nota, de passados quase 100 anos estarmos ainda discutindo essa proposta! Quantos de nós não gostariam que suas afirmações, propostas, hipóteses fossem ainda tema de discussão 100 anos depois? Na verdade, nossas intuições e nossas hipóteses são construídas a partir de um conhecimento prévio daquilo que chegou até nós, não importa se analisado sob outra ótica e sem grandes sofisticacões metodológicas e teóricas.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ARAGÃO, M. S. S.; BEZERRA DE MENEZES, C. P. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984. 2v.
- CALLOU, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. 1980. 200f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.
- CARDOSO, S. A. M. S. *Atlas lingüístico de Sergipe II*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. 2v.
- CARDOSO S. et al. *Atlas lingüístico do Brasil*, v. 1 – Introdução, v. 2 – Cartas lingüísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

¹ Conversas da Hora: Nas Janelas da Gramática: encontro entre a fonologia e a morfologia. É uma conversa, um bate-papo mesmo, do Prof. Dr. Dermeval da Hora (UFPB/UFPB) com o Prof. Dr. Luiz Schwindt (UFRS). Link: https://www.youtube.com/watch?v=SnCn_W9BHtU.

- CUNHA, C. O ensino de português. In: PEREIRA, C. (org.). *Sob a pele das palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- CUNHA, C. F.; SILVA NETO, S. Atlas linguístico-etnográfico do Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 3., Lisboa, 1957. *Actas* [...]. Lisboa: [s.n.], 1960. v. 2. p.405-412.
- FERREIRA, C. et al. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA – Instituto de Letras / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- ISENSEE, D. M. M. *O falar de Mato Grosso (Bahia)*. Fonêmica. Aspectos da morfossintaxe e do léxico. 1964. 143f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade de Brasília, Brasília, 1964.
- JABERG, K.; JUD, J. *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*. Zofingen: Ringier, 1928-1940.
- LABOV, W. *The social stratification of language in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922].
- NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC / Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958; v. 2, 1961.
- RAMÓN Y CAJAL, S. Preocupações do principiante. In: RAMÓN Y CAJAL, S. *Regras e conselhos sobre a investigação científica*. São Paulo: USP, 1979 [1920].
- RIBEIRO, José et al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.
- RONA, J. P. Relación entre la investigación dialectológica y la enseñanza de la lengua materna. In: EL SIMPÓSIO DE CARTAGENA, 1, Bogotá, 1965. *Actas...* Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1965, p. 333-343.
- RONA, J. P. *Aspectos metodológicos de la dialectología hispanoamericana*. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Universidad de la República / Instituto de Filología, Publicaciones del Departamento de Lingüística, 1958.
- ROSSI, N.; ISENSEE, D.; FERREIRA, C. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1963.
- ROSSI, N. et al. Aspectos do léxico regional da Bahia. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 4., 1959, Salvador. Salvador: UFBA, 1959 [inédito].
- SERRA, C.; DUARTE, M. E. L. Apresentação: palavras iniciais das organizadoras do volume. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20, n. especial, p. 11, 2018.
- WEINREICH, U. Is a structural dialectology possible? *WORD*, n. 10, v. 2-3, p. 388-400, 1954.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.